

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Cerco de EstorilClass.: 35Data: 16/10/87

Pg.: _____

CARTA À REDAÇÃO

4468
Do Sr. D. Izidoro Kosinski, bispo diocesano de Três Lagoas, recebemos a seguinte carta:

“Desde novembro do ano passado, um grupo de índios Ofayé Xavante, históricos habitantes da margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaria e Ivinhema, está de volta a sua terra natal, Brasilândia, no Mato Grosso do Sul.

Até o ano de 1978, este grupo tinha sua aldeia localizada nas margens do ribeirão Boa Esperança, que empresta o nome à propriedade do Sr. Arthur Hoffig, falecido fundador do município. Com a morte do fazendeiro, a Fazenda Boa Esperança foi dividida em propriedades menores e vendidas. A presença dos índios neste território, com certeza, “sensibilizou” as partes interessadas no negócio. Rapidamente os índios são transferidos para a conflitiva região de Bodoquena, no Extremo-Oeste do Estado, onde índios e posseiros disputam com os fazendeiros da região, a posse e o arrendamento das terras da Reserva Indígena Kadiwéu. Depois de sofrerem neste local todo o tipo de atrocidades, inclusive violência sexual, por conta própria, retornam a região de Brasilândia, onde vivem atualmente como empregados rurais, dispersos pelas fazendas. São forasteiros na sua própria terra.

Contra toda a sorte de perseguições, esses “bugres”, como vulgarmente são chamados, ainda mantêm-se unidos na língua-mãe e nos costumes. As crianças entendem muito pouco o português e entre eles falam somente o Ofayé. Em contato permanente uns com os outros, cultivam ainda a esperança de reunirem-se, um dia com seus parentes que encontram-se espalhados pela região, em um pedaço de terra

que lhes garanta a sobrevivência física e cultural.

No mês de maio último, dois representantes Ofayé Xavante estiveram em Brasília, onde entregaram ao Presidente da Funai, Romero Jucá Filho, cópia de um relatório que comprova a existência e o direito a terra do grupo. Este procedimento foi de suma importância para os índios, pois tiveram eles a oportunidade de, contrariando o Antropólogo Darcy Ribeiro, atestar que ainda estão vivos e mantêm a esperança de reconquistar um direito que historicamente lhes foi negado: o direito a terra.

Inobstante, a despeito da costumeira morosidade dos trâmites oficiais, o grupo na atualidade passa por graves dificuldades. Poucos são os fazendeiros que dispõem-se a acolhê-los fornecendo-lhes algum serviço. A colheita do café já acabou e praticamente não há serviço disponível na região, o que torna o grupo errante pelas ruas, faminto, em busca de trabalho como boia-fria. As autoridades competentes já foram notificadas do estado lamentável em que se encontram estes remanescentes Ofayé Xavante, que até a década de 40 somavam ainda 200 indivíduos, hoje reduzidos a pouco mais de 40 pessoas.

A divulgação e solidariedade para com esta causa nobre dos Ofayé Xavante poderá ser decisivo para a sobrevivência do grupo. Somente com o apoio de todos, no sentido de um real posicionamento das autoridades e da sociedade civil, os Ofayé Xavante poderão ser poupados. O genocídio, cuja responsabilidade sobre todos nós pesa e que lenta e gradualmente os está dizimando, deve ter um basta. O resgate histórico da dignidade que lhes foi roubada é o gesto cristão que a justiça e a fraternidade exigem.